Um Militar do Império

Gen. Div. RRm Francisco Batista Torres de Melo.

1 – Introdução:

Este trabalho visa projetar um cearense que tudo deu de si em beneficio de sua pátria. No Ceará é muito comum ouvirem-se os feito de Tibúrcio Sampaio e, já nos dias atuais, do inclíto Castelo Branco. São nobres varões que engrandecerão o nosso estado. Gostaria que nos lembracemos, também do Brigadeiro Francisco Xavier Torres que,durante 44 anos e três meses, serviu ao Exercito Nacional. Asua vida é um exemplo de obnegação e de dedicação ao país.

2 – Seu Tempo:

Este militar nasceu no início do século XIX, ou melhor, em 1803, na cidade de Fortaleza. Iria tomar parte nas lutas que agitaram o Nordeste e o Brasil na consolidação de sua Independência. Teve notícia da revolta de 1817, ainda muito jovem, e participou da repressao à Confederação do Equador de 1824. Esteve envolvido na luta contra rebeldia de Pinto Madeira, em 1831, e ao lado de Caxias, combateu a Balaiada e se integrou na Brigada que desembarcou em Bueno Aires, na guerra da Cisplatina de 1852. Antes disso, passou grande parte de sua vida na Província do Pará, onde já atuava desde 1835. Vejamos um pouco da biografia deste homem.

3 – A Vida:

FRANCISCO XAVIER TORRES era filho do Sargento-Mor Francisco Xavier Torres, que pertencia ao Exército português. Das suas alterações não foi possível saber o nome de sua genitora. Entrou para o Exército em 10 de maio de 1821 e, no mesmo ano, em 19 de novembro, foi promovido a cadete e Porta Bandeira, partindo, em seguida, com sua força para as terras do Piauí, de onde logo retornou ao Ceará. A sua unidade era o 22° Batalhão de Caçadores e com ele esteve, também, na província do Maranhão.

Durante a Confederação do Equador ficou ao lado das tropas legalistas, tendo sido preso em 1824, na cidade de Fortaleza, quando

Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves de Alencar Araripe depuseram o Presidente Costa Barros.

As suas promoções aos postos de alferes, tenente, capitão e major se deram, respectivamente, em 11 de setembro de 1824 (ALFERES), 12 de outubro de 1824 (TENENTE), 2 de agosto de 1825 (CAPITÃO) e em 20 de outubro de 1828 (MAJOR).

É do conhecimento dos historiadores cearenses a divergência que existia na época entre a vila de Jardim e a de Crato. Era a luta política entre os Alencar, do Crato, e os Pintistas (Pinto Madeira), de Jardim. Vivia o Cariri em eterna polvorosa. Como major, Francisco Xavier Torres serviu no Batalhão de 2ª linha e marchou com ele para o Crato, onde permaneceu até 1830. Tendo-se mantido equidistante das picuinhas políticas da área, recebeu elogios do Presidente da Província. Regressou a Fortaleza em 1830. Ano seguinte, 1831, foi nomeado comandante militar da capital da Província do Ceará.

No mesmo ano, veio a abdicação de D. PEDRO I, com reflexos na Província do Ceará. PINTO MADEIRA, chefe político no sul da Província, fora sempre prestigiado por Pedro I e logo abraçou a causa da restauração da monarquia. PINTO MADEIRA revoltou-se e o Presidente da Província enviou tropa para fazer face a ameaça dos revoltosos. O Major XAVIER TORRES foi nomeado para comandar as forças que enfrentariam PINTO MADEIRA. Vence a luta em 04 de abril, na cidade de Icó, onde Pinto Madeira foi preso. Já nesse tempo o Comandante Militar da Província era o General Pedro Labatut a quem ficou subordinado. Em 11 de outubro o Governo designou-o para comandante-militar de comarca do Crato. Era uma missão de manutenção da ordem pública tão ameaçada naquela região pelas lutas políticas. Recebeu ordem para regressar a Fortaleza em 1833 e, a 18 de novembro do mesmo ano, deixou o comando do 22° Batalhão de Caçadores, sendo preso pelo Presidente da Província e encaminhado para Pernambuco, onde foi posto em liberdade e teve reconhecido os seus direitos. Vai até à Corte. O Presidente da Província na época era o Padre José Martiniano de Alencar. Em 24 de setembro de 1835, é nomeado comandante da Força Expedicionária que vai restabelecer a ordem na Província do Pará. Era a revolta da Cabanada. Começaram aí suas ligações com aquela Província. Restabeleceu a ordem na vila de TURIASSÚ e recebeu elogios do Pre-

sidente da Província do Maranhão e, em 1836, foi nomeado comandante militar das vilas de Bragança, Turiassú e da Província do Pará. Permaneceu naquela Província até 1839, quando foi transferido para o Ceará.

Novamente em sua terra natal, foi designado para Sobral com uma missão de segurança interna, recebendo vários elogios pelo equilíbrio com que se comportou naquela Comarca. Em 1840, nomeado comandante das forças que, de Fortaleza, seguiram para Sobral, a fim de combater a Balaiada, houve-se brilhantemente. Os revoltosos tinham atingido a Serra Grande. Derrotou-os nos combates das trincheiras de Parnaíba e Angico Branco, em 10 de julho de 1840. A luta política entre conservadores e liberais vai encontrá-lo nessa região. Assumiu a presidência da Província o Padre Martiniano de Alencar, pela segunda vez. Este Presidente, que foi homem de grande visão administrativa, deixou-nos contudo, a impressão de que não perdoava a seus adversários, entre estes Xavier Torres, por ter ficado ao lado dos legalistas em 1824. Foi substituido no comando da força e transferido. Alguns autores fazem menção de uma fuga de Xavier Torres pelo interior do Ceará, chegando a Baturité, para evitar a prisão. Acabou sendo transferido para o Recife mas teve que voltar ao Ceará, onde assumiu um comando, dele logo destituído, para ser submetido a julgamento. Acusado de crime de sedição e morte, acabou absolvido pela Câmara Municipal. Outro historiador afirma que Xavier Torres se envolveu nas lutas políticas sobralenses, por ter contraido matrimônio com uma senhora da referida cidade. Pode ter sido, só que, em 1842, se casou com Dona Maria Pinto Braga que veio a tomar o nome de Maria Pinto Braga Torres. Deste casal nasceram 7 filhos, 3 deles homens e 4 mulheres, cujos nomes são: Francisco Severiano Torres, Domingos Guilherme Braga Torres, José EliozárioBraga Torres , Maria Lydia Braga Torres, Francisca Adelaide Braga Torres, Maria Leorcardia Braga Torres e Maria Antonia Braga Torres. Em suas alterações militares nada consta do problema de Sobral, só fazendo menção ao seu julgamento e absolvição. De 1842 a 1847 passou a sua vida em Fortaleza e em 15 de novembro recebeu a condecoração da Ordem da Rosa pelo serviços prestados. Em 21 de abril de 1847 foi nomeado comandante do 4° Batalhão de Caçadores, em Belém do Pará, Até 1850 lá permaneceu revezando-se entre o comando do Batalhão e o Comando Militar interino da província do Pará.

O ano de 1850 vai mudar a vida deste grande militar. O sul do país sentia as nuvens negras das ações de Oribe e Rosas. Era o sonho do reestabelecimento do Vice-reinado do Prata. Recebeu ordem para embarcar com a ala direita do seu 4° Batalhão, para a Corte. Em 26 de dezembro de 1850, aportou no Recife e, um mês depois, 26 de janeiro de 1851, viajou para o Rio. Em 17 de março do mesmo ano, seguiu destino com o seu Batalhão de Caçadores, agora renumerado para 12° Batalhão de Infantaria. De Porto Alegre tomou o rumo de Rio Pardo, São Gabriel e dai para a fronteira da Província do Rio Grande, onde chegou a 9 de julho.

Começaram as operações na Cisplatina. A 6 de novembro de 1851 atravessou a fronteira e marchou para a Colônia do Sacramento. A 4 de fevereiro, embarcou para a cidade de Buenos Aires, onde integrou a Brigada que ocupou a capital da Argentina. Logo em seguida, regressou à Colônia de Sacramento e embarcou com sua tropa para a Corte.

A vida deste militar teve seu reconhecimento com sua promoções aos postos de Tenente-Coronel, em 28 de agosto de 1838; de Coronel graduado, em 07 de setembro de 1847, e de Coronel efetivo, em 16 de novembro de 1850. Em 14 de março de 1852 foi condecorado com a medalha de ouro por ter participado da campanha da Cisplatina. Continuou junto aos seus homens e, logo foi transferido com a sua tropa para a Província de Alagoas, aonde desembarcou em 14 de abril de 1852. Em 29 de julho do mesmo ano, recebeu nova condecoração, por ato do Imperador: a condecoração da Ordem de Cristo.

O seu querido 12° Batalhão de Infantaria passou a ser o 11° e foi transferido de Alagoas para Pernambuco. A 4 de novembro de 1853, embarcou para Belém do Pará, aonde chegou nesse dito mês. Durante 3 anos, esta tropa, com o seu comandante, Coronel Francisco Xavier Torres viveu de malas nas costas. É preciso transportar-se para a época, para se imaginar o sacrifício desses homens pelo cumprimento da missão. É quase uma epopéia.

Durante o restante de sua vida militar permaneceu na Província do Pará e, em 23 de maio de 1859, foi transferido para o Estado Maior de 2ª classe. Em 1860, foi promovido ao posto de Brigadeiro.

O Brigadeiro Francisco Xavier Torres descansa em seu túmulo no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro. Não posso deixar de fazer menção a um amigo dileto que sempre o acompanhou em todas as suas lutas. Foi o seu cunhado Cel. Joao Batista de Melo, que se casou com sua irma Francisca Xavier Torres. Esteve preso com ele em 1832 e, também, lutou ao seu lado na Balaiada e no Pará. Este casal deu origem aos ramos dos Torres de Melo.